

Os 80 anos da Revista de Marinha

Recordamos as palavras do então Ministro da Marinha, no número 1, a que já aludimos:
... parece adormecida a nossa vocação marinheira; se esta revista contribuir para a despertar, terá cumprido a missão e servido a Pátria.

O ano de 1937, curiosamente, tem muitas referências marítimas e navais! Foi no ano letivo de 1936 / 37 que a Escola Naval se mudou para o Alfeite e foi este o ano do início da laboração do Arsenal do Alfeite. Em Hamburgo, na Alemanha construiu-se a barca ALBERT LEO SCHLAGETER, um navio-escola para a *Kriegsmarine*, hoje a nossa SAGRES, e nos antigos estaleiros do porto de Lisboa (AGPL), concessionados a 1 de janeiro de 1937 ao Grupo CUF, construíram-se em 62 dias úteis (!), dois lugres bacalhoeiros gémeos, o CREOULA e o SANTA MARIA MANUELA. Em Ílhavo, inaugurava-se o Museu Marítimo e em Lisboa, a 31 de janeiro, distribuía-se o primeiro número da Revista de Marinha.

Era seu diretor o jovem jornalista Maurício de Oliveira, sendo a revista uma iniciativa editorial da Parceria A.M. Pereira, com sede na Rua Augusta, 44 a 54, em Lisboa. Tinha umas 30 páginas, muitas fotografias, ilustrações de Stuart de Carvalhais, inicialmente uma periodicidade mensal e custava 2\$50.

Num texto intitulado “Duas Palavras” o diretor referia que a revista iria abordar temas das várias Marinhas, de Guerra, de Comércio, as Pescas e a Náutica de Recreio, ou seja, seria uma revista de “banda larga”. Noutro texto deste número, numa mensagem do Ministro da Marinha de então, Ortins de Bettencourt, podia-se ler... *parece adormecida a nossa vocação marinheira; se esta revista*



POR
**Alexandre
da Fonseca**

Almirante e Diretor da
Revista de Marinha

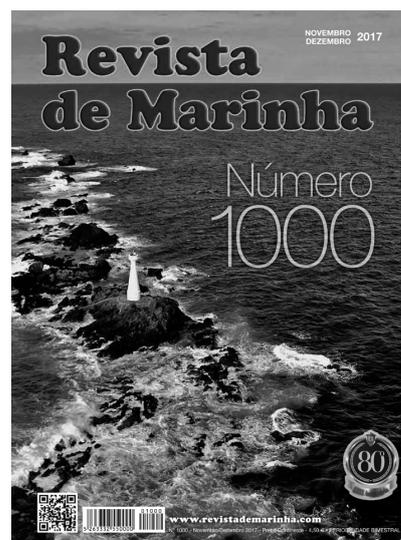
contribuir para a despertar, terá cumprido a sua missão e servido a Pátria.

O fundador e seu primeiro diretor, Maurício Carlos Paiva de Oliveira, nasceu em Abrantes em 1909, filho de um Oficial do Exército. Concluiu o ensino secundário no Liceu Camões, em Lisboa, em 1926, iniciando desde logo uma carreira de jornalista nos diários “O Rebate” e “Diário de Lisboa”. Desde o início da sua atividade profissional mostrou muito interesse pelos temas navais e pelas atividades coloniais, pelo Império, privando com muitos Oficiais da Armada, designadamente com o então 1º Ten. Henrique Tenreiro, ajudante de ordens do Ministro da Marinha e Comandante da Brigada Naval da Legião Portuguesa. Em 1930, com apenas 21 anos, foi escolhido para secretário-geral da “Comissão de Propaganda da Marinha”, presidida por um prestigiado antigo Ministro, Almirante Pereira da Silva. Em 1932, como jornalista, fez a cobertura de uma longa viagem a África de Armindo Monteiro, então Ministro das Colónias. Embarcou por diversas vezes em navios da Armada fazendo interessantes reportagens sobre exercícios navais e outras atividades; embarcou em maio de 1937 a bordo do aviso

de 1ª classe BARTOLOMEU DIAS e cobriu a grande “revista naval” de Portsmouth, no sul de Inglaterra, no âmbito da coroação do Rei Jorge VI. Escreveu 35 livros sobre temas navais ou marítimos, muitos dos quais sobre as operações navais da guerra civil de Espanha ou da II Grande Guerra Mundial (II GGM), alguns dos quais foram traduzidos para castelhano e inglês. Foi colaborador próximo do armador Bernardino Correia, que tinha também grandes interesses económicos nas colónias, apoiando-o como “relações públicas” da Companhia Colonial de Navegação.

O período que antecedeu o início da II GGM coincidiu, internamente, com o fortalecimento do Estado Novo e com a entrada ao serviço das unidades navais da I fase do Programa Magalhães Correia, e externamente, com a corrida aos armamentos e o aumento da tensão política que iria desembocar em setembro de 1939 num violento conflito armado. Aqui ao lado, em Espanha, a Guerra Civil só viria a terminar a 1 de abril de 1939.

Maurício de Oliveira defendia a Marinha e o Império e era moderadamente pró-britânico. Nos números iniciais da revista aparecem com muita frequência as figuras do regime como Salazar e Carmona e referências às muitas visitas a Lisboa de Esquadras Britânicas, Francesas, Alemãs e Italianas, originando por vezes números especiais com grandes reportagens ilustradas. Embora pró-britânico, como já referimos, Maurício de Oliveira não hostilizava as outras potências, referindo com alguma equidade as suas atividades navais. Era amigo do adido naval italiano, personalidade muito presente na revista, e



Edição Número 1000 da Revista de Marinha

acabou por ser condecorado com a Legião de Honra (França) e com a Ordem da Águia Imperial (Alemanha).

Em julho de 1942 Maurício de Oliveira funda o “Jornal da Marinha Mercante”, que se dedicou exclusivamente a esta temática, que deixou de estar presente, pelo menos com destaque, na Revista de Marinha. O “Jornal da Marinha Mercante” publicou-se até 1971, fundindo-se então de novo com a revista.

Os primeiros anos não devem ter sido propriamente, um êxito financeiro; em 1943 o armador Bernardino Correia criou a firma “Editora Marítimo-Colonial” e adquiriu à Parceria A.M. Pereira os títulos Revista de Marinha e “Jornal da Marinha Mercante”, ficando a nova firma sediada na Rua do Comércio, nº 8, junto dos escritórios das restantes firmas do armador.

Na sequência de uma brilhante carreira como jornalista, mais tarde, em 1971, Maurício de Oliveira foi convidado pelo Grupo Borges para diretor do “Jornal do Comércio”, tendo a “Editora Marítimo-Colonial” sido adquirida pouco depois por este Grupo. Em agosto de 1972, contudo, e inesperadamente, em consequência de uma operação cirúrgica, Maurício de Oliveira veio a falecer. Por intervenção discreta do Presidente Américo Tomaz, a Empresa Insulana de Navegação atribuiu o seu nome a um novo navio porta-contentores e a Câmara Municipal de Lisboa, presidida por Santos e Castro, deu o seu nome a um largo em S. Domingos de Benfca.

A revista passou então a ser dirigida por um antigo colaborador próximo de Maurício de Oliveira, João Mimoso Moreira, com a designação de “Diretor Interino”. Entretanto, a 25 de abril de 1974, caiu o regime político vigente e, como se sabe, ocorreram significativos problemas laborais. Estes problemas afetam de modo muito significativo a Empresa do “Jornal do Comércio”, que entra numa crise económica e financeira. Entretanto, a administração da Empresa convidou em 1976 para diretor da Revista de Marinha, o Cte. Gabriel Lobo Fialho, que havia passado à reserva no pós 25 de abril.

Conheci o Cte. Lobo Fialho na Guiné-Bissau, em princípios de 1974; era um Oficial muito culto, afável, organizado e trabalhador, que prestou serviço durante 6 anos na hidrografia em Moçambique e comandou a lancha de desembarque grande (LDG) ARÍETE, em Angola, e o draga-minas oceânico S. JORGE, e de 1983 a 1990 desempenhou o cargo de secretário-geral da Academia de Marinha, de que foi um membro distinto.



Tencionamos manter a revista clássica, fiéis aos nossos leitores de sempre, em papel, no mesmo formato ... no mesmo rumo e velocidade

A Empresa do “Jornal do Comércio” entra em crescentes dificuldades financeiras, que vão ditar o seu encerramento. O Cte. Lobo Fialho consegue continuar a publicação da revista com uma gestão rigorosa, tentando autonomiza-la do resto da empresa. Em 1980 o Sr. Luís Miguel Correia começa a colaborar na revista, de que viria a ser Subdiretor, e ambos criam a firma ENN – Editora Náutica Nacional, Lda, firma que em 1985 adquiriu em leilão o título “Revista de Marinha” da massa falida da Empresa do “Jornal do Comércio”.

A revista passa então a ter o seu escritório informal na *garage* da residência do Cte. Lobo Fialho, no Restelo, vivendo então um período de alguma prosperidade, com o aumento do número de leitores e de publicidade. Contudo, em 1995, Luís Miguel Correia afasta-se da empresa e com o início do século XXI a falta de publicidade obrigou a reduzir para seis o número de edições anuais.

Entretanto, eu próprio terminei a minha carreira, longa, de 43 anos de serviço, na Marinha de Guerra, passando à situação de reserva no início de 2006. Em meados desse ano frequentei na AESE – Escola de Direção e Negócios um curso de alta direção de empresas. Tinha tido alguma experiência editorial com colaborações na revista “Baluarte”, em 1976 /

78, e posteriormente na Revista da Armada, e presidi durante dois anos, na década de 90 do século passado, à Comissão de Redação dos Anais do Clube Militar Naval. Em meados de 2008, encontrei casualmente o Cte. Lobo Fialho numa reunião do “Forum do Mar” que se realizou num auditório da Fundação Gulbenkian. Na conversa de circunstância que então tivemos, o Cte. Lobo Fialho, já com mais de 80 anos e com problemas de saúde do foro cardíaco, referiu-me o desejo de vender a sua Revista de Marinha. Fiquei a pensar no assunto e nesse mesmo dia à noite, depois de uma conversa prévia com a minha mulher, telefonei-lhe a marcar uma reunião e rapidamente acertámos o negócio; eu e a minha mulher Fátima compramos as duas quotas da empresa ENN – Editora Náutica Nacional, Lda ao Cte. Lobo Fialho e a sua mulher. Foi combinado que o negócio se concluiria em finais do ano, permitindo-me acompanhar a preparação dos dois últimos números de 2008 ainda sob a responsabilidade do seu anterior diretor. Assumi assim a direção da revista em princípios de 2009 com a publicação do número 948, referido a Fev / Mar, fazendo capa com uma foto da fragata BARTOLOMEU DIAS, recentemente adquirida na Holanda. Quando iniciei funções



Almoço Palestra IEP "Os 80 Anos da Revista de Marinha", no Palácio Seixas, Cascais

a Revista de Marinha tinha pouco mais de 300 assinantes, vendia em banca cerca de 3 centenas de exemplares, tinha 5 anúncios e 36 páginas.

Criei um Conselho Editorial, presidido pelo Almirante Vieira Matias, que reúne periodicamente e que ajuda a definir a linha editorial da revista. Juntei dois novos temas, "Ambiente, Ciência & Tecnologia" e "Portos e Atividades Portuárias" aos quatro temas clássicos, "Marinha de Guerra", "Pescas", "Marinha de Comércio" e "Náutica de Recreio". Como se publicam seis números por ano e cobrimos seis temas genéricos, à semelhança de algumas revistas, como a "USNI Proceedings", passei a focar cada número num tema, de forma rotativa. Procurei aumentar o número de colaboradores permanentes, responsáveis pelas crónicas, e criar uma rede de colaboradores locais, nos diversos portos, a fim de obter notícias originais das atividades marítimas regionais e locais. Estabeleci numerosos protocolos de colaboração com clubes e associações e acordos de permuta com outras publicações, entre as quais a "Nova Cidadania". Angariei - confesso que com muitos contactos e paciência - mais publicidade, essencial à sustentação económica deste projeto, que hoje ronda os 30 anúncios por número da revista. Fui procurando, com persistência, aumentar o número de assinantes, que felizmente vem crescendo e que hoje se aproxima dos dois mil. A revista continua a vender-se em banca, em quantidades variáveis de número para número, em média cerca de duas centenas e meia. Fez-se um site - recentemente atualizado - pois quem não está na internet, não existe... e desde há pouco passou-se a marcar presença no Facebook e noutras redes sociais.



Devo dizer, que este tem sido para mim, um grande desafio, editorial e empresarial, até agora superado, creio que com sucesso. A Revista de Marinha tem crescido em quase todos os indicadores

Noutra vertente, com a chancela "Edições Revista de Marinha" e a valiosa colaboração do Cte Orlando Temes de Oliveira, têm sido publicados alguns livros, o último dos quais, "Comandar no Mar", objeto de apresentação pública na Universidade Católica em meados de novembro, tem tido assinalável sucesso. Em parceria com a Náutica Global têm sido realizadas conferências sobre a "economia do mar", numa perspetiva local - os "Encontros do Mar" - na Ericeira, Nazaré, Figueira da Foz e, recentemente, em outubro, na vila de Mourão, nas margens do Alqueva.

Devo dizer, que este tem sido para mim, um grande desafio, editorial e empresarial, até agora superado, creio que com sucesso. A

Revista de Marinha tem crescido em quase todos os indicadores: hoje temos quase 2.000 assinantes, vendemos em banca duas centenas e meia de exemplares, cerca de 30 anúncios por edição e estabilizamos nas 80 páginas. A notoriedade no nicho de mercado que é o mundo marítimo Português é grande e, em termos financeiros, não temos dívidas, estando as contas de exploração equilibradas. Contudo ... a Revista de Marinha é um produto artesanal, feita com muitas boas vontades e colaborações *pro-bono*, sendo a sede na minha casa de residência. A revista não liberta (*ainda* ...) fundos que nos permitam ter um pequeno escritório e um empregado administrativo.

E o futuro? Temos consciência das debilidades da nossa presente organização e da necessidade de procurar no médio prazo uma "sucessão de comando" harmoniosa e estável.

Tencionamos manter a revista clássica, fiéis aos nossos leitores de sempre, em papel, no mesmo formato ... *no mesmo rumo e velocidade* ..., tendo o importante apoio, a partir do número 1001, do Cte. João Rodrigues Gonçalves. Com o *site* renovado, mais apelativo, e uma presença ativa nas redes sociais, vamos procurar cativar também, um novo público, porventura menos ligado ao papel, mais ligado às novas tecnologias e mais jovem. O aumento do número de assinantes vai continuar a ser uma preocupação. Sabemos que os assinantes são mais resilientes que a publicidade, que é algo volátil, e embora o valor de cada assinatura anual seja *de per se* pequeno, no seu conjunto já tem uma importância significativa. Por outro lado ... *muitos assinantes trazem mais notoriedade e a notoriedade traz mais publicidade*.

Em jeito de balanço final, neste fim de ano de 2017 em que cumprimos o 80º aniversário da fundação da revista e em que publicamos, em Nov / Dez o número 1.000, recordamos as palavras do então Ministro da Marinha, no número 1, a que já aludimos:

... parece adormecida a nossa vocação marinheira; se esta revista contribuir para a despertar, terá cumprido a missão e servido a Pátria.

Será que temos vindo a "cumprir a missão" que Ortins de Bettencourt nos sugeriu? A resposta, caro leitor, ficará ao seu critério!

Obs: muita da informação relativa à Revista de Marinha do passado foi retirada de artigos assinados pelo nosso colaborador Luís Miguel Correia, a quem muito agradecemos. ■